

Algumas considerações sobre a pesquisa qualitativa no campo do pensamento social: da definição de qualidade à necessidade de bases teóricas

Some considerations about qualitative research: from the definition of quality to the need for theoretical bases

Rafael Wolter¹

RESUMO: O texto aborda a distinção entre pesquisa quantitativa e qualitativa, criticando a tendência de hierarquização entre as duas abordagens. Ele argumenta que a linha divisória muitas vezes é tênue e artificial, enfatizando a pesquisa qualitativa como essencialmente focada no princípio de ousia ou essência do fenômeno estudado. Além disso, são destacadas quatro características correlatas da pesquisa qualitativa do pensamento social: o uso predominante de dados verbais, a frequente adoção de estudos de caso, a menor ênfase na busca por causalidades e relações entre variáveis, e o maior envolvimento do pesquisador no tratamento dos dados. Esses aspectos complementam a ideia central de que a metodolatria de formas específicas de se pesquisar é nociva e que o que distingue a pesquisa qualitativa de outros formatos de pesquisa não é a ausência de quantificações mas o enfoque nos atributos qualitativos do fenômeno estudado.

Palavras-chave: Pensamento social; pesquisa qualitativa; definições.

ABSTRACT: The text addresses the distinction between quantitative and qualitative research, criticizing the tendency to hierarchize between the two approaches. It argues that the dividing line is often thin and artificial, emphasizing qualitative research as essentially focused on the principle of ousia or essence of the studied phenomenon. Additionally, four correlated characteristics of qualitative research in social thought are highlighted: the predominant use of verbal data, the frequent adoption of case studies, the lesser emphasis on seeking causality and relationships between variables, and the greater involvement of the researcher in data treatment. These aspects complement the central idea that the methodolatriy of specific research methods is harmful, and that what distinguishes qualitative research from other research formats is not the absence of quantifications but the focus on the qualitative attributes of the studied phenomenon.

Keywords: Social thought; qualitative research; definitions.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Introdução

Há nas ciências humanas e sociais em geral e na psicologia em particular uma velha dicotomia sobre pesquisas quantitativas e qualitativas. Com frequência os currículos de graduação e pós-graduação *stricto sensu* possuem disciplinas sobre cada uma dessas formas de se pesquisar. Em outros casos existem disciplinas de métodos que em suas ementas dividem o conteúdo entre pesquisa “quali” e “quanti”. De antemão gostaria de deixar claro meu incômodo com tal dicotomia, pois com frequência pesquisas ditas qualitativas quantificam categorias, temáticas ou verbalizações (Bardin, 2011) e pesquisas ditas quantitativas mensuram sentimentos, anseios, ou compartilhamentos de opiniões e crenças. No fundo é mais uma questão de ênfase em qualidades ou quantificações que uma questão de categorias diferentes de pesquisa. Como sou psicólogo social e assíduo leitor dos trabalhos sobre identidade social (Sheriff e colaboradores, 1961; Tajfel, 1981) sei que ao se criar duas categorias de pesquisa naturalmente haverá a criação de processos de identificação que acarretarão processos de hierarquização onde uma forma é mais valorizada que outra. Tais processos se traduzem em falas tantas vezes ouvidas como “eu sou quanti” ou “sou de quali”. Esse fenômeno de categorização chega ao ponto em que áreas inteiras tendem a rejeitar um ou outro tipo de pesquisa. Para uns somente com pesquisas quantitativas é possível alcançar critérios de cientificidade enquanto para outros somente pesquisas qualitativas permitem uma compreensão profunda dos fenômenos humanos. Ou seja, a dicotomia pesquisa quali ou quanti se transforma em metodolatria onde somente uma forma de se pesquisar é aceita e valorizada. Este artigo visa refletir sobre as características de se pesquisar qualidades, a reflexão se fará com ilustrações da psicologia social e geral e do campo das representações em particular. A psicologia social desde a primeira metade do século XX possui pesquisas experimentais (Bartlett, 1995), quantitativas (Allport, 1954) ou

qualitativas (Lewin, 1948). A pesquisa qualitativa está presente em diversos manuais clássicos da disciplina como o capítulo de Cartwright no livro de Festinger e Katz (1974). No campo das representações sociais em específico também é possível encontrar pesquisas experimentais como a de Abric e colaboradores (1967), quantitativas (Doise, Clemence & Lorenzi-Cioldi 1992) ou qualitativas (Jodelet, 1989).

Sobre a noção de qualidade

Com frequência os manuais de métodos qualitativos abordam a questão com a noção de dados qualitativos (Miles & Huberman, 2003). Tal noção de “dados qualitativos” não me parece defensável, já que dados não são nada mais e nada menos que um material. A forma de se interessar aos dados é que definirá o tipo de pesquisa. Dados verbais, que tradicionalmente são vistos como a fonte da pesquisa qualitativa, podem ser objeto de análises fatoriais, data-mining e outras formas de tratamento tipicamente associados às pesquisas quantitativas. Logo é necessário refletir sobre o que caracteriza uma pesquisa qualitativa e a noção de qualidade. O termo qualidade etimologicamente descende da palavra latina *qualitas* que significa atributo ou propriedade (Morwood, 1995). A noção de qualidade em pesquisa também pode encontrar uma raiz de sentido no termo *ousia* (essência ou substância) de Aristoteles. Como veremos adiante a grande questão da pesquisa qualitativa é o estudo de essências. A *ousia* de Aristoteles, como afirma Mansion (1946, p.351), pode ser definida como “o que é uma coisa” e é a raiz da palavra portuguesa *substância*.

O enfoque na essência: considerações definitórias

Chegamos aqui **ao primeiro ponto**, em que a pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais se centra na essência do fenômeno humano estudado pelo pesquisador. Em outros termos o pesquisador dará **enfoque aos atributos e qualidades do fenômeno humano estudado**. Se pegarmos o exemplo do campo das representações sociais

(Moscovici, 1976; Sá, 1996) que estuda a forma como grupos sociais concebem diferentes aspectos do mundo, a pesquisa com enfoque em atributos e propriedades de pensamento será qualitativa. Em outros termos, os pesquisadores do campo das RS ao realizar pesquisas qualitativas dão enfoque aos símbolos e a elaboração de sentido dos membros do grupo social acerca do objeto de pensamento. A diferença de elaboração de sentido entre dois grupos sobre um mesmo objeto é por natureza uma diferença qualitativa de pensamento. Não é que os grupos pensam em quantidades distintas a crença A ou B e sim que o que é a elaboração de sentidos de um grupo não é a do outro. Tal visão se insere bem na forma como Mansion (1946) traduziu a *ousia* aristotélica: “o que é uma coisa”. Em consequência as quantificações para inferências estatísticas não estão no cerne da questão.

Existem quatro características correlatas ao ponto descrito no parágrafo precedente. As características correlatas são aquelas que não são definitórias ou necessárias para se conceber a pesquisa de qualidade, mas com frequência ocorrem. Por vezes alguns autores definem a pesquisa qualitativa a partir destas características, no entanto me parece que são hábitos que se encontram em pesquisas qualitativas. Ou seja, muitas pesquisas possuem as características que seguem, mas uma pesquisa pode ser qualitativa (com enfoque nas qualidades) sem possuir uma ou algumas delas.

A primeira característica correlata corresponde à **utilização de dados verbais** (de entrevistas, grupos focais, textos) ou por vezes de dados visuais (Gunther, 2006). De forma alguma tal característica é suficiente para se definir uma pesquisa como qualitativa já que trabalhos atuais sobre mineração de dados e dados textuais (Zhiang, Schwartz Gerdes & Ulysal, 2015) ou estudos de big data nas redes sociais (Demirkan & Delen, 2013) se baseiam em textos principalmente na web e tem um claro enfoque quantitativo. Há também o caso dos estudos que realizam análises fatoriais e classificações

hierárquicas descendentes com dados de mídia ou de entrevistas e que são denominados como pesquisa “quali-quantitativa”. Com a difusão do software gratuito Iramuteq (Camargo & Justo, 2013) tais tipos de análises se tornaram extremamente difundidas e populares, no entanto estes estudos dificilmente podem ser defendidos como tendo enfoque em qualidades, tal qual descrevemos acima. Logo é muito mais apropriado descrevê-los como estudos quantitativos realizados com dados textuais. Em suma, com frequência as pesquisas qualitativas se baseiam em dados textuais, porém muitas pesquisas com dados textuais são quantitativas e algumas pesquisas qualitativas não se baseiam em dados textuais e sim visuais (Flick, 2004; Bauer & Gaskell, 2002).

A **segunda característica correlata** consiste na não busca por causalidades e relações entre variáveis e sim na **predominância de estudos de caso**. Em si não é impossível estudar efeito de variáveis em qualidades. Muitos experimentos tinham em suas variáveis dependentes qualidades. O famoso experimento de Abrieux e colaboradores (1967) onde os participantes deviam jogar contra um colega ou uma máquina ilustra bem este ponto, já que eles podiam cooperar ou competir. Naturalmente os participantes decidiram cooperar mais frente ao colega comparativamente à máquina, tal diferença é de natureza qualitativa. No entanto com frequência as pesquisas qualitativas são estudos de caso, sobre um indivíduo, um grupo, uma empresa, uma comunidade ou qualquer outro sujeito. São casos em que busca-se compreender a essência do que se passa. Por essa razão a lógica não é de se multiplicar os casos para tentar generalizar características à totalidade de casos possíveis e sim de se estudar “o que é o caso” ou em outras palavras, qual a natureza ou essência do caso. Chamei esta característica correlata de predominância do estudo de caso simplesmente para manter uma coerência com outros autores tal Gunther (2006) que já associaram esta característica à pesquisa qualitativa.

Parece-me, portanto, que a denominação de enfoque na singularidade traduziria ao menos tão bem quanto a de predominância no estudo de caso esta característica correlata.

A **terceira característica correlata** deste ponto é de que muitas vertentes teóricas que dão enfoque à **visão dos atores sociais em contexto** realizam pesquisas com enfoque em qualidades. Encontram-se aqui enquadradas as diferentes vertentes que estudam a construção social da realidade, assim como as teorias pós-modernas (pós-estruturalistas, sóciocríticas, estudos da subjetividade) ou clínicas. Quando Flick (2004) cita a forte utilização de pesquisas qualitativas em pesquisas antropológicas e clínicas que usam análises discursivas e de conteúdo ele está de forma implícita fazendo referência à esta característica correlata.

A **quarta característica correlata** consiste na maior **atuação do pesquisador no tratamento dos dados**. Por atuação do pesquisador entendemos como Gunther (2006, p.203) que “(...) há de se constatar um envolvimento emocional do pesquisador com o seu tema de investigação. A aceitação de tal envolvimento caracterizaria a pesquisa qualitativa. Já a intenção de controlá-lo, ou sua negação, caracterizariam a pesquisa quantitativa”. Conforme afirma Gunther (op. cit.) na pesquisa qualitativa a forma de se lidar com este envolvimento do pesquisador passa pelo estudo do fenômeno no seu contexto onde todas as variáveis possíveis influem. Gostaria de acrescentar que a utilização de uma grade de leitura teórica é a forma que o pesquisador lida com o fenômeno em contexto.

Considerações finais

Quando se aborda a pesquisa em geral e de qualidades em específico é preciso ressaltar a necessidade de uma articulação da pesquisa com um quadro teórico. Conforme descrito por Flick (2004) a teoria deve servir como guia para a elaboração dos questionamentos e interpretação dos resultados. A ideia de que a pesquisa qualitativa se

centra na subjetividade e apreensão de mundo dos participantes é parcialmente verdadeira. O pesquisador usa, ou deve usar, uma grade de leitura teórica para estudar a subjetividade e apreensão de mundo do participante de pesquisa qualitativa. De forma mais específica, é possível afirmar que os diferentes conceitos da teoria guiarão o estudo qualitativo pois sem a interface teoria-método a pesquisa pode se tornar um grande conjunto de achismos de pouco valor acadêmico. Por guiar não significa impor, já que a pesquisa qualitativa pode ser usada para refinamento de modelos teóricos ou até mesmo para quebra de paradigmas quando as teorias não dão conta dos fenômenos estudados.

Busquei neste trabalho não rerepresentar o conteúdo descrito nos trabalhos de Flick (2004), Bauer e Gaskell (2002) ou Gunther (2006) sobre as características das coletas de dados, de análise, tipos de delineamento e de amostragem. Parece-me que todos estes pontos estão muito bem relatados nos três trabalhos acima citados. Procurei focar em no aspecto que foi pouco abordado nos trabalhos sobre pesquisa qualitativa: a descrição do que é qualidade. Ao definir qualidade como a essência do fenômeno estudado, ou seja, o conjunto de atributos e propriedades que constituem o fenômeno em questão demos um primeiro passo. Também busquei não opor pesquisa qualitativa e quantitativa e sim tratá-las como dois enfoques diferentes. A pesquisa qualitativa foca nas propriedades e atributos (vivências, visão de mundo, significados atribuídos ao objeto), podendo até quantificá-los, como na análise de conteúdo tal qual descrita por Bardin (2011) onde as categorias são apresentadas em tabelas de contingências. Por outro lado, as pesquisas quantitativas não deixam de lado as qualidades (atributos e propriedades do fenômeno) mas seu enfoque está nas quantificações e generalizações destes atributos e destas propriedades. Pois no fundo, o que é quantificado nas pesquisas? Atitudes, opiniões, sentimentos, crenças, adesões a construções simbólicas, personalidades, satisfação no trabalho, avaliação de qualidade de vida... Poderia realizar uma lista extensa do que é

pesquisado de forma quantitativa na psicologia em específico e nas ciências humanas e sociais em geral e veríamos que quase sempre existem pesquisas qualitativas sobre as mesmas questões, pois a diferença reside no enfoque. Conforme afirmamos no início do artigo, a pesquisa qualitativa tem um enfoque “no que é”. A pesquisa quantitativa por sua vez responde à outras questões, do tipo “como varia” ou “como variável x influi na variável y” o que leva a respostas com quantificações e inferências.

Muitas das críticas às pesquisas qualitativas sobre os “subjativismos” e “achismos” podem - e foram - respondidas salientando que elas possuem rigor metodológico. Tal lógica de resposta se baseia nos diferentes manuais metodológicos que apresentam a pesquisa qualitativa como uma forma de se fazer pesquisa regrada, reproduzível e normatizada o que é ilustrado no belíssimo livro de Bauer e Gaskell (2002) ou ainda no passo a passo da análise de conteúdo tal qual descrito por Bardin (2011). Outra forma de se responder à crítica consiste em salientar que o “achismo” só ocorre na ausência de uma grade de leitura teórica sólida. Uma pesquisa pode seguir todos os cânones metodológicos vigentes e não sair de um impressionismo caso o pesquisador não interprete os dados a partir de uma dimensão conceitual. Tal afirmativa vale para qualquer tipo de pesquisa, pois achar que resultados oriundos de escalas validadas, com análises estatísticas refinadas e uma amostra volumosa fará sentido por si só é um ledão engano que pode levar ao impressionismo tecnicista. Tal forma de impressionismo causa uma maior impressão de cientificidade por ser embasada em números, no entanto a raiz do problema é a mesma: a ausência de teoria. Tal ausência leva, necessariamente, às interpretações próximas do senso comum e naturalmente criticáveis no seio de um trabalho acadêmico. Em consequência, nas pesquisas sobre qualidades buscamos salientar neste trabalho que não é puramente um rigor metodológico, que sem dúvidas é

necessário, mas também, e talvez sobretudo, um rigor conceitual que permitirá um estudo adequado.

Ao finalizar o artigo gostaria de ressaltar que a visão aqui apresentada sobre pesquisa qualitativa por certo é parcial. Outras visões, como nas vertentes pós-modernas, socio-críticas ou na psicanálise, existem e são comumente aceitas pela comunidade acadêmica das ciências humanas e sociais. A definição que trouxe se encaixa no campo das representações sociais e segue as linhas gerais descritas nas publicações de Bardin (2011), Flick (2004) ou Gunther (2006) que podem ser descritas nas palavras de Gondim e Bendassoli (2014, p.198) sobre a relação entre a análise de conteúdo (AC) qualitativa, fenômeno e teoria.

Se a preocupação dos psicólogos ao fazerem uso da AC qualitativa é compreender o fenômeno para além do controle do dado, pelo método experimental e estatístico (como recomendam Bogen & Woodward, 1988), é importante que eles tenham em mente a contribuição teórica que porventura venham a dar para a compreensão desse fenômeno. Aliás, esta é a principal contribuição da análise qualitativa de dados: oferecer novas possibilidades interpretativas que vão além das inferências estatísticas. Do nosso ponto de vista, esse objetivo pode ser mais bem atendido se o pesquisador tiver claro que os dados são elementos contextuais que traduzem concretamente um fenômeno que está relacionado a um modelo teórico simplificador de uma teoria mais abstrata e geral. O fenômeno (mais estável) é o ponto de partida para a definição de quais dados (contextuais) deverão ser coletados, e é também o ponto de encontro dos procedimentos de análise de dados com o modelo teórico.

Espero ter explicitado neste artigo que o que caracteriza a pesquisa qualitativa não é a ausência de quantificações ou o tipo de dado estudado e sim o enfoque na qualidade (tal qual descrevemos acima) ou natureza do fenômeno humano estudado. A escrita pode

ter soado ao leitor como um desabafo contra diferentes metodolatrias, o que sinceramente não deixa de ser verdade.

Referências

- Allport, G. (1954). *The nature of prejudice*. Reading, MA: Addison-Wesley
- Abric, J.-C., Faucheux, C., Moscovici, S., & Plon, M. (1967). Rôle de l'image du partenaire sur la coopération en situation de jeu. *Psychologie Française*, 12, 267-275.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Trad. Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo, SP: Edições 70.
- Bartlett, F. C. (1995). *Remembering: a study in experimental and social psychology* (2a ed.). Cambridge: Cambridge University Press. (Original publicado em 1932).
- Cartwright, D. P. (1974). Análise do material qualitativo. In L. Festinger & D. Katz (Eds.). *A pesquisa na Psicologia Social* (pp. 403-449). Rio de Janeiro : Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Camargo, B. V. & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518.
- Demirkan, H. & Delen, D. (2013). Leveraging the capabilities of service-oriented decision support systems: Putting analytics and big data in cloud. *Decision Support Systems*, 55 (1), 412-421.
- Doise, W., Clemence, A. & Lorenzi-Cioldi F. (1992). *Représentations sociales et analyses des données*. Grenoble: PUG.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Gondim, S., & Bendassolli, P. (2014). Uma crítica da utilização da análise de conteúdo qualitativa em psicologia. *Psicologia em Estudo*, 19 (2), 191-199.
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201-209.
- Jodelet, D. (1989). *Folies et représentations sociales*. Paris: PUF.

Lewin, K. (1946) Action research and minority problems. *J Soc. Issues* 2(4): 34–46.

Mansion, S. (1946). La première doctrine de la substance : la substance selon Aristote.

Revue Philosophique de Louvain, 44 (3), 349-369.

Miles, M. B. & Huberman, A. M. (2003). *Analyses des données qualitatives*. Bruxelles : de Boeck.

Morwood, J. (Ed.) (1995). *The Pocket Oxford Latin Dictionary*. Oxford.

Moscovici, S. (1976). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.

Sá, C. P. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes.

Sherif, M.; Harvey, O.J.; White, B.J.; Hood, W. & Sherif, C.W. (1961). *Intergroup*

Conflict and Cooperation: The Robbers Cave Experiment. Norman, OK: The University Book Exchange.

Tajfel, H. (1981). *Human Groups and Social Categories*. Cambridge University Press, Cambridge

Zhiang, Z., Schwartz, Z., Gerdes Jr, J. H. & Ulysal, M. (2015). What can big data and text analytics tell us about hotel guest experience and satisfaction?. *International Journal os Hospitality Management*, 44, 120-130.